

## UMA ROSA SE DESPETALANDO EM AS HORAS NUAS

Carolina Montagnini do Nascimento (UEL)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo observar e refletir a vinculação entre velhice e finitude, com auxílio de textos teóricos que abordem esses assuntos, entre esses destaque Edgar Morin com sua discussão acerca da morte e da consciência de finitude própria ao humano, culminando na análise de uma compreensão da morte que traz o romance “As horas nuas” da escritora Lygia Fagundes Telles. Por ser o texto literário por si só complexo, dando margem a muitas visões, as conclusões possíveis são muitas; aqui, entretanto, o recorte foi para uma das maneiras de entrever a reação humana ante a morte de buscar uma falsa eternidade como meio de fugir à finitude que nos é própria.

**PALAVRAS-CHAVE:** velhice; finitude; eternidade.

**ABSTRACT:** This paper has the objective of reflecting the linking between old age and finitude, assisted by theoretical texts approaching these themes, culminating in the analysis of a death comprehension brought in “As horas nuas”, by Lygia Fagundes Telles. Being the literary text complex by itself, giving room to many sights, the possible conclusions are quite numerous; here, however, the focus lays on one of the manners of glimpsing the human reaction before the death of seeking a false eternity as a way of escaping from our own finitude.

**KEYWORDS:** old age; finitude; eternity.

---

<sup>1</sup> Especialista em literatura brasileira e Mestranda em letras - estudos literários, pela Universidade Estadual de Londrina. Bolsista CAPES.

A temática da morte nos romances de Lygia Fagundes Telles é recorrente; já em seu livro de estreia *Ciranda de pedra* há a morte dos pais da personagem central que precisa durante a narrativa dar conta de seu luto. Em *Verão no aquário* e em *As meninas* aparece o tema tabu do suicídio, naquele com a personagem André, após uma vida de crises existenciais, põe fim a sua vida cortando os pulsos; e em *As meninas* a personagem Ana turva comete o que chamamos de suicídio lento entregando-se às drogas, também para fugir a uma vida sofrível. Em *As horas nuas* não é diferente, o tema da morte está também presente; alguns suicídios, algumas mortes acidentais, mas a questão central envolvendo a morte é o relacionamento que se dá entre as personagens e a consciência de morte, o enfrentamento dessa característica finita que é tão nossa, tão humana. As personagens enfatizadas neste presente estudo demonstram exatamente a dificuldade deste enfrentamento; personagens muito simbólicas para se pensar a questão da morte, uma personagem velha, fase de vida em que a morte está biologicamente mais próxima, e a outra, um gato, animal rodeado pelo mito das muitas vidas.

Halley A. Bessa, em seu artigo “A morte e o morrer”, diz que nos dias atuais com as tecnologias para o prolongamento da vida, mesmo que em estado questionável, manter a vida a qualquer custo se tornou a regra, e disto a consequência foi o maior distanciamento da ideia de morte em nosso cotidiano, transformando a morte cada vez mais em tabu, em algo que deva ser evitado nos assuntos e nos pensamentos.

Edgar Morin em seu livro *O homem e a morte* (1988, pág.61) expõe e concorda com o argumento de Pascal de que podemos afastar essa certeza de nossa vida por alguns meios e um deles é o esquecer-se de si mesmo. Essa afirmativa vem possivelmente de sua alegação de que a nossa consciência de morte vem de nossa consciência de indivíduo, isto é, sabemos de nossa morte ao passo que nos compreendemos como únicos e nos valorizamos por ser alguém insubstituível aos nossos afetos; assim “O horror da morte é, portanto, a emoção, o sentimento ou a consciência da perda da individualidade” (MORIN, 1988, pág.32), e se, por conseguinte, nos esquecermos de nossa individualidade tenderemos a ignorar o nosso medo de perdê-la já que esta não terá mais valor para nós.

É costume afirmar que na velhice estamos mais suscetíveis para refletir sobre nossa vida, sobre nós, afinal esquecer-se de si mesmo é muito mais fácil

quando está se divertindo entre um grupo de amigos geralmente em festas com muita música, dança e bebidas.

Ora, o corpo envelhecido não permite mais essas extravagâncias e mostra visivelmente sua degradação na pele e nos movimentos, sem contar a maior vulnerabilidade a doenças. A experiência da personagem Rosa Ambrósio retrata bem a motivação que a velhice dá ao homem de voltar-se para dentro de si. Dessa forma, se pensar em nós é pensar sobre nossa morte, a velhice é a fase em que esquecer que somos finitos é algo muito difícil também por essa degradação do corpo que é a demarcação visível de nosso tempo escasso. A velhice seria, então, o momento impossível de fugir dessa certeza de morte que todos nós temos, mas de que tentamos fugir a todo o tempo. Aceitar sem fugas a própria morte é, claramente, momento difícil de viver, e sem dúvida, esta é uma situação facilitadora de tristezas.

É nesse quadro em que se encontra Rosa Ambrósio, que longe do trabalho, atriz gloriosa que foi, sem afetos e beirando os sessenta anos, se vê sozinha. Ela mesma liga a ideia de envelhecimento à ideia de morte como vemos em sua conversa com sua analista Ananta Medrado, “o que pode uma virgem entender de sexo, da velhice. Da morte.” (TELLES, 2010, pág.134); nesta fala da personagem percebemos a conexão que vai se criando em seu pensamento: sexo (perda da inocência) – velhice – morte.

Auxiliada pela lucidez que estranhamente lhe provoca a bebida- o álcool provoca em Rosa sintoma oposto ao comum - a personagem decide contar e repensar sua trajetória. A primeira cena do romance se passa no momento presente da vida da personagem e a encontramos embriagada, escondida no escuro de seu quarto, dizendo odiar todo o tipo de exibicionismo, logo ela, e na verdade talvez por isto, uma atriz, mas sem papel. Suas perdas já foram muitas: morte de seu marido Gregório; o abandono de seu amante Diogo; sua filha Cordélia que nunca a visita; sua mãe; seu pai; seus vários relacionamentos durante sua vida; sua juventude; sua glória. De sua decadência sobrou-lhe ao menos a ironia: “Só se fala na decadência dos usos, na decadência dos costumes, está na moda a decadência. Sou uma atriz decadente, logo, estou no auge. Não me mato porque sou covarde mas se calhar ainda me matam” ( TELLES, 2010, pág. 24)

Em um capítulo narrado pelo gato Rahul, percebe-se claramente seu estado contraditório ao ser descrita sua vestimenta; camisola de seda com a alça

arrebentada (TELLES, 2010, pág.89-93), o glamoroso e o desgastado em uma só pessoa, a decadência. Já não há mais motivos para fazer nada, se Diogo não está por lá, nem Gregório, para quê e para quem ela vai se arrumar? Pergunta-se. Essa falta de vontade mostra muito também de sua dependência de outros, tal como afirma Morin ao falar da crise do individualismo que é esse endeusamento de si próprio. Uma personagem de Machado de Assis, o alferes do conto “O espelho”, por ter ficado acostumado com os elogios e graças de todos ao seu redor por sua posição de alferes, ao ficar sozinho, sem mais ninguém que lhe bajulasse e lhe refletisse a imagem de homem bem-sucedido, entra em profunda tristeza e consegue seu consolo, todos os dias, ao vestir sua farda e olhar-se no espelho para recuperar a imagem endeusada que a ausência de seus espelhos humanos lhe haviam feito esquecer.

Tal como o alferes do conto, Rosa vê-se sem seus espelhos humanos endeusadores; nos olhos de Diogo se via linda e jovem, e sem ele essa sua imagem desapareceu. Os espelhos que ficaram lhe mostram uma realidade que não gosta de ver, os espelhos verdadeiros, como ela mesma qualifica; o do banheiro, e sua criada Dionísia, seu espelho humano. Algumas formas de enfrentamento deste medo inconsolável e solitário de sua própria morte seriam possíveis, e Rosa, em sua constante ambiguidade ou em sua insegurança para reagir por si própria, diz: “Não sei. Sempre que tenho que escolher me vem uma aflição, detesto escolher [...] Mas parece que a graça está na meia-luz. Na ambiguidade.” (TELLES, 2010, pág.17-18); assim Rosa se joga em múltiplas formas de enfrentamento:

Entro no quarto escuro, não acendo a luz, quero o escuro.  
Tropeço no macio, desabo em cima dessa coisa, ah! Meu Pai.  
[...] eu queria ficar assim quietinha com a minha garrafa, Ô  
delícia beber sem testemunhas, algodoada no chão feito o  
astronauta no espaço, a nave desligada, tudo desligado.  
Invisível. (TELLES, 2010, pág.13)

Desligar-se, desconectar-se, esquecer-se de si mesma utilizando o poder do álcool de neutralizar os sentidos, se esquecer de si própria e de sua morte que se aproxima. E na ânsia de esquecer-se, o álcool se torna um vício, e ainda não lhe soluciona o problema, já que seu efeito é o contrário. O álcool não a deixa desligada, ‘fora de órbita’, a deixa lúcida: “E agora me vem os detalhes, quanto mais bebo mais lúcida vou ficando, um espetáculo de lucidez, os detalhes” (TELLES, 2010, pág. 47). E inclinada pelo álcool começa a falar, lembrar, saber-se viva e

mortal; vai afundando-se mais e mais na tristeza. Mas seu desejo de esquecer-se continua, “se enlouquecesse seria uma solução, não preciso morrer, apenas enlouqueço, não conheço mais ninguém, não me conheço, esqueci” (TELLES, 2010, pág.45); frases parecidas ainda são ditas por mais vezes. Esse anseio por esquecer-se mostra o quão doloroso é o momento pelo qual passa a personagem, preferindo a loucura a ter consciência de si, de seu sofrimento, de seu vazio, de seu decaimento, de sua morte.

Sem afetos, só não está completamente só pelas companhias do gato e de Dionísia, que, em verdade, não são muito afetuosas. O que lhe sobra é a glória nos palcos e no livro, ao escrever suas memórias; fazer sentido, criar sua particularidade em pessoas desconhecidas.

Entretanto, ela mesma diz não ter forças para reagir e recomeçar sozinha, para enfrentar novamente os palcos, para sair do poço fundo em que caiu. Deste modo, tenta iludir-se com a esperança da volta de seu passado. Faz-se acreditar que o tempo em que era jovem e feliz com Gregório, seu já falecido marido irá voltar e serão os dois felizes novamente. O que vem com mais força, contudo, é a esperança da volta de Diogo, que ainda vive. O tempo todo fica se dizendo que se Diogo voltasse tudo mudaria e, ela, com certeza, seria uma pessoa melhor e voltaria para os palcos, para seu trabalho. O fato é que a presença de Diogo não era capaz, nem quando estavam juntos, de mudar Rosa nos últimos dias da relação dos dois, pois como já foi dito aqui, ainda com a presença de Diogo, Rosa já havia pedido uma trégua da vida e já começava a alcoolizar-se. O que Rosa faz é pautar sua vida em algo passado, e tem conhecimento disso, pois se queixa por vezes de seu “maldito pé nostálgico” (TELLES, 2010, pág.154). Não é certeza que Diogo voltará, mas a qualquer ruído a personagem nutre mais esperanças ilusórias de sua volta.

Rosa Ambrósio se apega tanto a esta esperança de cura com a volta de seu amante que, nos últimos capítulos do livro, quando Diogo pede notícias suas a Dionísia, resolve ter força de vontade e se hospeda em uma clínica de reabilitação. Quando este telefonema surge, mesmo que incerto, Rosa se apresenta tomando café e suco de frutas, outra mulher agora sem a excessiva intervenção do álcool e gravando suas tão prometidas memórias. Buscando arrumar-se para a volta de Diogo e, citando constantemente uma frase muito conhecida que seu falecido marido muito dizia, *carpe diem!*, reflete que já está com quase sessenta anos e “não tenho mais tempo para ser infeliz” (TELLES, 2010, pág.191). A esperança da

volta de Diogo a faz pensar em seu tempo escasso de maneira diferente do qual via antes. Em vez do desespero de morrer sozinha e por isso a perda do sentido na vida, ela se apresenta agora como uma Rosa que, mesmo com o contínuo medo da morte que assombra a todos, começa a enfrentar este fato de outra maneira, há agora de sua parte um enfrentamento de aceitação. Como expõe em sua fala, sua nova maneira de enfrentar a sua finitude é a de aproveitar o tempo que ainda tem, e que, portanto, a permite ter esperança em um futuro bom.

Não é com os pés nostálgicos no passado que a escritora nos faz perceber que pode haver uma mudança em sua personagem, mas sim com a presença de um novo personagem, um novo elemento que simboliza o 'seguir em frente', o 'abrir-se ao presente também' e mostra que sozinho é muito difícil seguir em frente nesta vida. Esse é o primo de sua analista Ananta, Renato Medrado que se mostra encantado com a luz emitida pela nova Rosa Ambrósio.

Sei que é um puta clichê este mas a solidão é insuportável nesta encrenca dos diabos que é a vida, o mundo. O homem precisa sim do outro porque mesmo atormentando e atormentado exige se olhar no espelho mais próximo que é a sua medida. (TELLES, 2010, pág. 189)

### **Rosa Ambrósio: entre o finito e o imortal**

O romance *As horas nuas* é todo permeado pela simbologia que geralmente nos apresenta a dualidade das coisas. Há o vizinho de cima de Ananta, analista de Rosa, que misteriosamente se transforma em um bicho que se supõe um cavalo; mesmo sem o conhecer pessoalmente e devido a seu esoterismo, Ananta se apaixona, e este acontecimento mostra o lado apaixonado e transtornado de alguém que se mostra sempre muito alinhada e até assexuada, como costuma avaliar Rosa Ambrósio. Inclusive esta mostra o tempo todo o seu gosto pelo dual, pelo ambíguo. Afirma que é a dualidade o que mais ama no ser humano, a sua capacidade de complexidade, de ser o bem e ser o mal conjuntamente. Rosa tem paixão pelo bem e pelo mal, mas quando estes andam juntos, como bem nos confessa ao dizer que precisa "aproveitar essa ideia nas minhas memórias acho deslumbrante ver o bem e o mal - com letra maiúscula - confundidos numa coisa só, cozinhando no mesmo caldeirão" (TELLES, 2010, pág.15). Faz essas confissões ao mesmo tempo em que utiliza referências bíblicas reforçando a dualidade existente entre corpo e alma que segundo suas próprias

reflexões é o bem *versus* o mal, “Sei que o corpo é do diabo porque foi depois que rompi com meu corpo que me aproximei de deus” (TELLES, 2010, pág.57).

Uma questão importante dessa dualidade humana é o perecível *versus* o imortal. Concluindo o pensamento de Rosa, se a carne é do Diabo e é aquilo que degenera e tem fim, a alma é de Deus, e é o que pode ser imortal. Uma fala muito interessante da personagem Dionísia confirma essa relação entre alma e eternidade abordada no romance; quando morre Gregório, marido de Rosa, para consolo desta Dionísia diz que Gregório “agora estava num plano mais alto, sem aflição. Ficou eterno” (TELLES, 2010, pág. 51, grifo meu). Esta eternidade, claro está, não é a do Gregório corporificado, materializado, já que como diz Rosa ao pensar no velório do mesmo: “o corpo. tão rapidamente ele ficou sendo o corpo, já não era o Gregório, era o corpo” (TELLES, 2010, pág.51); Gregório havia se desvinculado do corpo, não estava mais no corpo, era agora só a essência. Outra passagem interessante que relaciona a falta de corpo à eternidade é quando Rosa vai relembrando sua mocidade e, quem sabe em algum delírio, começa a ouvir sua prima morta que diz o seguinte: “estou morta e na morte vai se apagando tudo, a verdade, a mentira, a razão e a emoção, não resta mais nada, fica só essa vaguidão que é a eternidade” (TELLES, 2010, pág.169, grifo meu).

Pensando nessa simbologia da dualidade presente no romance, se nos atentarmos a alguns detalhes como estes acima citados, o significado por trás do nome da personagem Rosa Ambrósio poderá ser muito expressivo para a apreensão da percepção da morte nesta obra de Lygia F. Telles. O primeiro nome da personagem é o de uma flor; flores são constantemente trazidas para o cotidiano das personagens do texto, e entre elas a rosa. Dessas flores o que fica muito em evidência é a efemeridade; o tempo todo é enfatizado tanto a beleza quanto a curta durabilidade da flor. A empregada de Ananta se mostra surpresa ao constatar que os crisântemos presenteados por Rosa Ambrósio estão durando (TELLES, 2010, pág. 80); Renato Medrado, primo de Ananta, recusa-se a aceitar uma flor que tanto lembrava sua infância porque “ia ao escritório no centro da cidade, ela ia murchar.” (TELLES, 2010, pág. 236). Confirmando o pensamento de que o nome de Rosa está ligado à beleza fugaz da flor de mesmo nome e também à finitude, a própria personagem faz mais de uma vez a comparação entre sua decadência e a decadência da flor. Ao relembrar sua trajetória associando-a a uma frase muito repetida por seu pai para colher as rosas da vida, Rosa Ambrósio diz:

Eu dizia que colhia as flores matinais e depressa antes que viessem as ventanias e as tempestades. Fui armando o meu enorme buquê, fui compondo o arranjo floral a meu modo quando então começaram os imprevistos, os sustos, ah! Como fugiam do meu controle as flores que foram murchando, as pétalas que foram caindo. Começaram a aparecer buracos. Mais buracos e o arranjo se desarranjou, perdeu o brilho e eu mesma, hein?! Onde a graça da colhedora da manhã? (TELLES, 2010, pág. 192)

Ainda em outra ocasião a personagem faz com ainda mais clareza a comparação entre ela e a flor; essa se passa em uma conversa com Dionísia, e a analogia feita entre Rosa e a flor rosa é tanta que aquela chega a atribuir a si uma característica particular da rosa-flor, o despetalar-se: “- minha pele amoleceu mas a sua é tão rija. Murchei, hein?! Rosa Despetalada”(TELLES, 2010, pág.114); ao colocar o substantivo rosa com letra maiúscula, pode-se perceber claramente que está se referindo a ela própria e não apenas fazendo uma comparação.

Seu segundo nome, entretanto, é de nos deixar um pouco confusos pelo seu significado. Sendo rosa, algo perecível, ambrosia é algo divino e imortal, nome do qual se deriva Ambrósio, segundo o dicionário de símbolos de Chevalier. Pensando a dualidade exposta por Rosa entre corpo e alma, não se esquecendo da efemeridade comum ao corpo e à flor, e compreendendo seu nome como símbolo dessa dualidade, seu primeiro nome está diretamente ligado à representação do corpo e seu segundo nome diretamente ligado à representação da alma. Para continuar neste raciocínio, se faz necessário lembrar os trechos do romance citados acima de quando Dionísia e a prima de Rosa referem-se à eternidade da alma, a *vaguidão*, como disse uma delas, aquilo que não é certo e concreto como o corpo, para comprovar a relação existente na obra entre alma e imortalidade. Ambas mencionam esta eternidade como advento da morte, tanto Gregório como a prima de Rosa adquiriram a eternidade somente ao morrerem. Destarte, os nomes Rosa e Ambrósio são, paradoxalmente, complementares; apesar de finitude e eternidade terem sentidos opostos, no romance *As horas nuas* acabam por se complementar, pois que a eternidade é somente atingida ao alcançar a morte, ou seja, um ser somente é eterno ao se desvincular do corpo efêmero.

Algo parecido com o que foi concluído acima disse também Morin, ao refletir sobre o pensamento de Fraser sobre a finitude humana, ao proferir que “A morte é, à primeira vista, uma espécie de vida, que prolonga, de uma forma ou de outra, a vida individual” (MORIN, 1988, pág.25); e continua seu pensamento



afirmando que foi exatamente o horror e a consciência da morte que induziu o ser humano a pensar em alguma imortalidade; assim, a afirmação do homem da sua imortalidade “implica sempre a consciência da morte” (MORIN, 1988, pág. 59).

Desse modo, há na personagem Rosa Ambrósio essa condição tipicamente humana, que apesar de ou, na verdade, a partir da consciência da sua morte tem a capacidade de pensar na e desejar a imortalidade.

### **Um gato consciente**

“A única vantagem de do bicho sobre o homem é a inconsciência da morte e da morte eu estou consciente.” (TELLES, 2010. pág.125).

Rahul entra em cena repassando sua vida encarnada em um garoto de cabelos escuros, possivelmente um atleta de tempos há muito passados. Mais à frente nos apresenta ainda outra vida em que se recorda menino, rodeado de mulheres na casa das venezianas verdes. Mas a curiosidade sobre sua personagem não se encerra por aí, Rahul também vê fantasmas e possui consciência de que vai morrer.

No começo deste texto foi feita uma discussão embasada em Morin sobre a consciência de finitude no homem; para analisar a personagem do gato Rahul no romance faz-se necessário retomá-la. Diz Morin que “A morte só regressa quando o eu a olha ou se olha a si próprio” (1988, pág. 60), dessa forma, ter consciência da morte requer antes um ‘eu’ e este eu uma individualidade. No homem, a consciência de morte vem da consciência de ter uma individualidade e do medo de perder esta individualidade. O horror da morte vem também disso, de se anular como indivíduo ante seus afetos ou, no caso da morte do outro, de perder uma individualidade afetuosa. Em seu livro, Morin exemplifica essa importância dada à individualidade de alguém ao dizer que uma morte de alguém famoso, mas distante, choca muito mais que vários desconhecidos massacrados em alguma guerra; narra também a cena de um filme em que em meio à guerra um soldado encontra a carteira de seu inimigo já ferido e nessa descobre fotografias de família, somente após essa descoberta “irrompe então a revelação absoluta da individualidade e da humanidade daquele que era o inimigo anônimo” (MORIN, 1988, pág. 43).

Ao refletir sobre essa diferença entre homem e bicho, Morin traz à tona algo que, quando tocamos no assunto sobre ser animal e saber-se mortal, podemos esquecer; lembra, portanto, de que o bicho reage ao perigo da morte e tem, inclusive, artimanhas especiais para afugentar o inimigo que poderá pôr sua vida em risco. Entretanto, continua, essas artimanhas são padronizadas de acordo com a espécie de cada bicho, sendo elas, então, um instinto de preservação da espécie, e não do indivíduo. Não existindo a preocupação com o indivíduo em si, não pode haver, segundo Morin, consciência de morte, e assim ele conclui que “é a espécie que conhece a morte, e não o indivíduo” (MORIN, 1988, pág.55). Reconhece também que alguns animais, de acordo com uma pesquisa, têm a capacidade de reconhecer a morte, mas continuam desconhecendo-a como ‘morte-perda-de-individualidade’ e é justamente esta que possibilita a consciência de morte.

De tal forma, é fácil atribuir a necessidade de preservar a individualidade ao homem por que é fácil compreender o homem como ser dotado de individualidade. Se se compreende a relação que se faz entre consciência de singularidade e consciência e horror da morte, como entender que um animal tenha consciência de sua morte se não se pode compreender um animal com consciência de sua individualidade?

Sem entrar em detalhes sobre narrativa fantástica ou não, o gato Rahul do romance de Lygia F. Telles possui essa consciência de morte e inclusive nos confessa como foi exposto a tal consciência logo no início deste tópico. Além da consciência de sua própria morte, reconhece a morte do outro como uma ‘morte-perda-de-individualidade’ da qual fala Morin. Na morte de Gregório, Rahul sofre a perda de seu afeto mais amado:

Gregório! Eu chamei. E o meu miado de dor foi o grito que ele não deu. Até que aos poucos o tremor foi diminuindo. Continuou a massagear o peito banhado de suor e com a outra mão afagou minha cabeça. Seu olhar líquido encontrou o meu, entendi o que quis me dizer, a dor estava passando. Cessou o tremor das pernas. Estendeu-se num relaxamento. O olhar ficou baço – por que tive o sentimento de que ele não estava mais ali? (TELLES, 2010, p.100)

Este acima é o momento da morte de Gregório, vivenciado apenas por Rahul. Vê-se claramente neste fragmento o sofrimento do gato em relação à perda de Gregório; este sofrimento se dá exatamente por saber que apesar do corpo

continuar ali a seu lado, o Gregório que tanto amava não estava mais, “por que tive o sentimento de que ele não estava mais ali?”; esta pergunta reflete bem o pensamento de Rahul que diferencia a matéria, o corpo, do ser, da essência. Percebeu que naquele momento as duas partes haviam se desvinculado uma da outra.

O amor incondicional de um animal de estimação por seu dono não é nada novo para ninguém, sobram relatos inclusive adaptados para o cinema que mostram o sofrimento do cão, principalmente, ao sentir a perda de seu dono. Morin também reflete sobre isso e concorda que alguns animais, em especial os domésticos, podem sentir a morte como perda de individualidade. Diz, entretanto, que se há o traumatismo pelo reconhecimento da perda de uma individualidade por quem mantinha afeto, continua não havendo a consciência total de individualidade e, sem esta, o animal está fadado a continuar não sabendo de sua finitude. Assim, com este pensamento concluído, pretendo compreender melhor a figura do gato Rahul no romance *As horas nuas*.

Ele se sabe mortal, sendo assim, deveríamos concluir que ele é um animal provido de individualidade. Com isso ele se torna um ser, e, por isso, possui um ‘eu’; um ‘eu’ que se permite vasculhar por dentro e se reconhecer como finito. Possuir individualidade é uma característica natural ao ser humano, não ao bicho. Mesmo sendo Rahul um animal doméstico e por isso possuidor da capacidade de sentir a perda de alguém, ele continua, como conclui Morin, incapaz de ter a consciência de sua morte. O gato de Rosa, dessa forma, vai além da capacidade de apenas sentir a perda de alguém querido.

Ao ler o monólogo do gato Rahul podemos muitas vezes nos distrair e confundi-lo com uma pessoa, sem contar que, à primeira leitura do livro, logo ao depararmos com as falas de Rahul, só se pode saber quem realmente fala algum tempo depois, quando ele próprio se revela um gato. A intenção do livro parece ser mesmo a da confusão. Mas ele é um gato. Mas é também uma pessoa. “— Mas gato não tem palavra’ diz Renato Medrado, ‘— Esse até que fala demais, às vezes’ retruca Dionísia” (Telles, 2010, pág. 235). Toda a construção da narrativa nos incita a ler as confissões de Rahul como se ele fosse uma pessoa, que, por motivo qualquer, está presa no corpo de um gato. Mais de uma personagem durante o romance mencionou que Rahul às vezes parece gente, e ele próprio em seus monólogos se pega dizendo *a gente*, e isso o faz parar e pensar. Uma das vezes em que se dá conta disso é ao falar de Ananta: “Tem belos olhos, descobri com certa

surpresa. Destacavam-se tão luminosos na face de uma moça que a gente olha e esquece, eu disse *a gente*”(TELLES, 2010, pág. 130).

Para enfatizar a personalização de Rahul, entra em cena outro animal, também um gato, ou melhor, uma gata, a Lorelai. O gato nos poupa pensar em comparações e as faz ele mesmo. Na comparação que faz fica clara a distância que o próprio animal acredita ter entre consciência de morte e o instinto animal; entre ele, um gato-gente, e Lorelai, uma gata, apenas: “Lorelai não tinha nem ideia da morte. Gostava de me provocar sabendo por instinto que eu era inofensivo e ainda assim, provocava.” (TELLES, 2010, pág. 147)

À sua consciência de morte, como acontece com o homem, corresponde seu desejo de fugir dessa morte certa tentando crer numa imortalidade. Até certo ponto da narrativa não se duvida das memórias de vidas passadas que Rahul nos conta, afinal é um gato. Em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* (1989) e constante do final da nova edição de *As horas nuas*, José Paulo Paes afirma que Lygia F. Telles aproveita a imagem popular do gato e suas sete vidas para sua história; aparece a dúvida de suas vidas passadas quando o próprio se mostra incerto sobre suas reencarnações; é com esse desabafo que percebemos a sua angústia da morte, mas mais ainda sua angústia de vida; no trecho, poder-se-ia colocar no lugar de “fugir de mim mesmo”, ‘fugir de minha morte’, ou ‘de minha consciência de morte’:

Não havia dois caleidoscópios mas apenas um, inventei o outro? Como inventei esta alma transmissível e transmigrante, vírus que habitou três corpos até chegar a este atual. Não houve nenhum colar de prata com inscrição, não houve nada disso, era só a coleira que Rosona resolveu afivelar no meu pescoço e que acabei estraçalhando nos dentes, não era isso? Foi para fugir de mim mesmo que inventei os outros corpos, que me alimentei desses outros, tão simples e me deitei sem forças. (TELLES, 2010, pág. 60).

### **Morte e eternidade: palavras finais**

Dentre algumas conclusões sobre a questão da mortalidade humana neste romance, o que fica possivelmente retratado neste é, também, algo como uma eternidade falsa, para apenas consolar os que ainda vivem, pois mesmo crendo ou tentando crer em alguma imortalidade o que persiste nas personagens é a dúvida de ser essa imortalidade metafísica desejável, ou não e também um apego

muito grande ao corpo e aos prazeres do corpo. Rosa prefere enlouquecer ao perceber seu corpo se despedindo e quando aceita sua mortalidade, deseja insistentemente aproveitar o tempo que resta para ser feliz com seu corpo, e Rahul, mesmo continuando vivo após algumas mortes, preferia livrar-se do corpo de gato e voltar a ser o atleta romano: “Podia ser que na morte eu voltasse à casa romana, certamente corriam outras águas no rio onde eu nadei mas eu seria o mesmo.” (TELLES, 2010, pág. 35).

De tal forma, o romance estudado pode ser encarado como um elogio ao corpo e conseqüentemente à morte deste mesmo corpo. Em seu livro de crônicas *Durante aquele estranho chá*, 2002, Lygia Fagundes Telles registra uma conversa que teve com Simone de Beauvoir sobre a velhice; nesta conversa Beauvoir disse que apenas aquele que não gosta da vida pode elogiar a velhice. Telles, repensando as palavras e escritos de Beauvoir, conclui que apesar de seu horror à velhice, também Simone de Beauvoir presta um culto à morte. Esse culto que carrega a certeza de que só a consciência da morte iminente nos leva adiante e permite conhecer coisas únicas:

Revejo Simone de Beauvoir com aquele olhar tão sério e tão inquisidor, perguntando. Perguntando. E na obra da escritora está a sua tranquila resposta, obra inteira estruturada na certeza de que a imortalidade seria a morte da própria vida. Só a ideia de que vamos morrer um dia pode fazer a nossa existência mais feliz. (TELLES, 2002, pág. 40)

### Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. “O espelho”. In ASSIS, Machado de. **Papéis avulsos**. São Paulo: brasileira, 1959.

BIANCHIN, Neila Roso. Espelho, espelho meu: uma leitura de “As horas nuas” de Lygia Fagundes Telles. Possível encontrar em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/viewFile/17211/15785>

BORGES, Jorge Luis. “O imortal”. In BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

DASTUR, Françoise. **A morte - ensaio sobre a finitude**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Lisboa: Europa-América, 1988.

Carolina Montagnini do Nascimento \_\_\_\_\_

TELLES, Lygia Fagundes. **As horas nuas**. São Paulo: Cia das letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **Durante aquele estranho chá**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

**Recebido:** 25/06/2013

**Aceito:** 05/07/2013